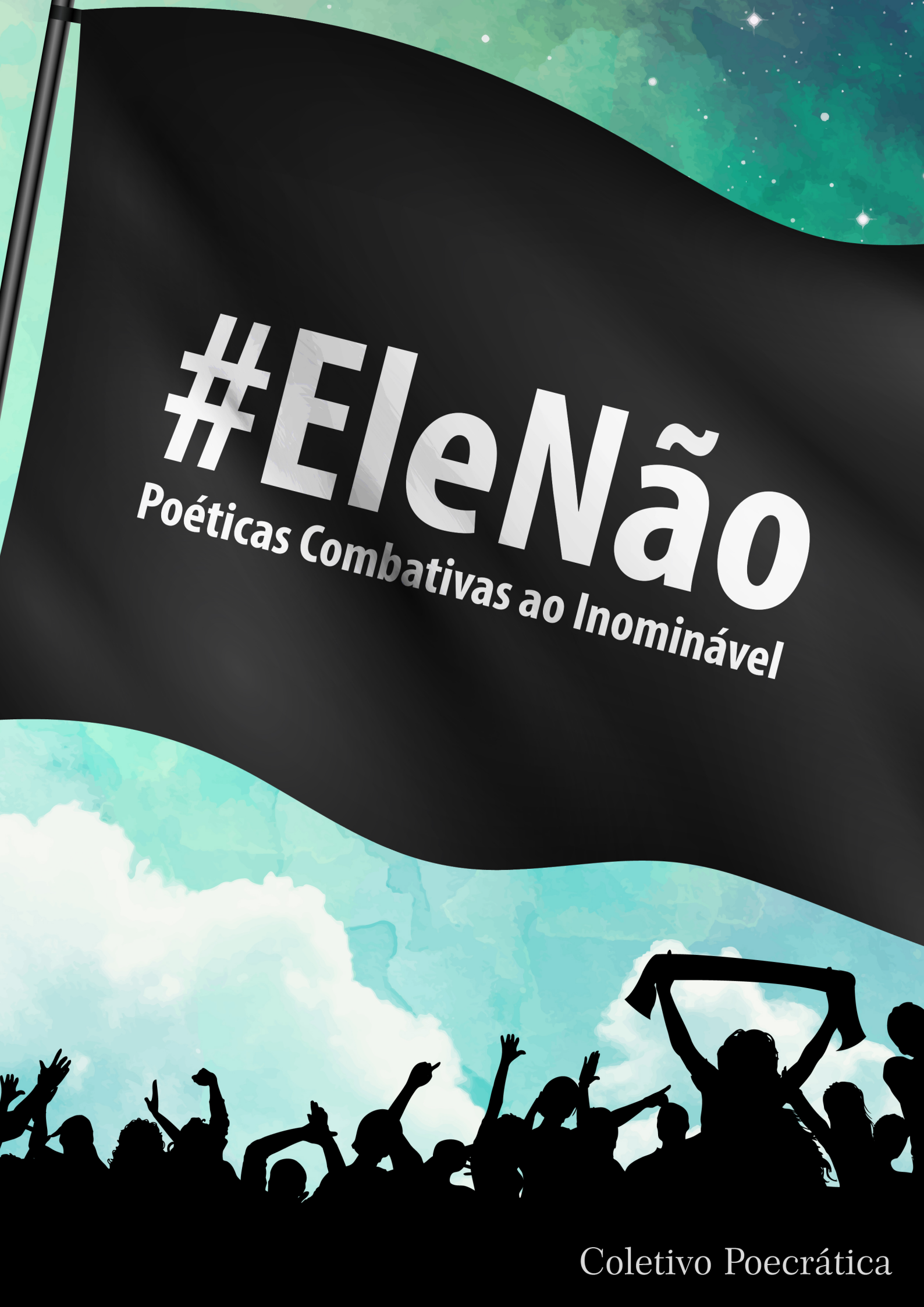




#EleNão

Poéticas Combativas ao Inominável

Coletivo Poecrática



Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com nomes,
pessoas ou situações da vida real
trata-se de mera coincidência.

Soterópolis, 23 de outubro de 2018

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Gabriel Póvoas	5
Flavia Maria	6

PRIMEIRAS PALAVRAS

Elisa Lucinda	9
Malu Verçosa Mercury	10
Daniela Mercury	11
Chicco Assis	12
Margareth Menezes	13
Márcia Tiburi	14
Isadora Salomão	15
Zélia Duncan	16
Paulinho Boca de Cantor	17
Leonardo Boff	18
Leno Sacramento	19
Valeska Zanello	20
Manno Góes	22
Coletivo de Cinema pela Democracia	24
Gil Vicente Tavares	25
Marcos Rezende	27
Pastor Henrique Vieira	28
Rone Dum Dum	29



POÉTICAS COMBATIVAS AO INOMINÁVEL

MESTRE MOA	Sandra Simões	31
A QUADRILHA	Pareta Calderasch	32
TAPETUM LUCIDUM	Alex Simões	33
POÉTICA DO BERRO	Flavia Maria	35
TRANSCCLASSIFICAÇÃO SOCIAL	Nunyara Teles	36
PREFIRO O REI DO ARROCHA	Lana Scott	39
O AMOR E O MITO	Léo Nogueira	40
SEU MOÇO	Heder Novaes	41
CONSTRUÇÃO AUSTERA	Maria Kamilly Campos	43
RITMO ORDINÁRIO	Bruno Machado	44
LIBERDADE	Sandro Sussuarana	45
MINISTÉRIO DA SAÚDE MENTAL ADVERTE	Flavia Maria	46
GOLPEACHMENT	Lana Scott	47
ARGUMENTO	Flavia Maria	48
TEMPOS DE FASCISMO	Ísis Valentini	50
A HISTÓRIA DO BRASIL	Nunyara Teles	51
COMBATIVA	Flavia Maria	53
POESIA DO SIM	Bruno Machado	54
MINISTÉRIO DA HIPOCRISIA	Flavia Maria	55
SONETO DO AMOR POLÍTICO	Savio Andrade	57
UM MESTRE QUE VIROU HISTÓRIA	Emmanuel 7Linhas	58
PALAVRAS FINAIS	Zélia Duncan	60
QUEM SOMOS	Lana Scott	61



AGRADECIMENTOS	62
FICHA TÉCNICA	62
CONTATOS	63



APRESENTAÇÃO

Nos idos tempos do Passe Livre, integrei o movimento; lutamos, ocupamos a Câmara de Salvador por tempo recorde e tivemos nossas conquistas. Em 2016, na iminência do golpe, nasceu o clipe “Vai ter Resistência”, música que compus e produzi, assinando coletivamente como Arte e Resistência. O golpe midiático-parlamentar inexoravelmente aconteceu naquele ano e deixou a porta aberta para a extrema-direita se estabelecer. Hoje, na iminência de um segundo golpe – ainda mais profundo –, somada à sintomática permissividade seletiva de vários setores do governo e da sociedade civil, nasce o Poecrática. Inicialmente, apenas um grupo de poetas com o objetivo de fazer um poema coletivo que viraria música com o tema **#elena**, para ser tocada no Sarau Som das Sílabas. O objetivo foi cumprido: “Mestre Moa” nasceu e foi tocada. Nesse processo, o grupo floresceu criativamente e produziu múltiplas poesias da resistência. De repente, tudo tomou novos rumos quando, por meio de Marcos Rezende, Tanira Fontoura e Moreno Veloso, “**Mestre Moa**” (Sandra Simões, Gabriel Póvoas e Alfredo Moura) foi gravada por Caetano Veloso. E seguimos, produzindo mais resistência “ativista”, agora, em forma de livro digital.

Este livro-manifesto é, sobretudo, um grito de coragem, uma fala de um grupo diverso que abarca as minorias atacadas pelo inominável. Clamamos por democracia, clamamos pelo Estado verdadeiramente laico, clamamos por respeito. Os nossos direitos não estão estabelecidos se não usufruímos deles. Este livro é um uso completo da liberdade de expressão, tacitamente calada nestes tempos sombrios.

Precisamos estar juntos. **#MoaVive** em cada um que carrega a sua postura de enfrentamento diante do fascismo e em cada um que luta contra seu algoz.

Nas trincheiras da poesia,

Gabriel Póvoas



APRESENTAÇÃO

Desde o parto militei. Da criança difícil à mulher louca. Da estudante contestadora à professora readaptada. Da paciente psiquiátrica à parente indignada. Da maria incomodadeira à artista incubada. Em todos esses lugares sou resistência. Como eu, tantas. Sempre resistimos. Reexistindo. E aqui estamos. Agora, as únicas palavras que parecem realmente dar conta de toda a concretude que nos toma são as poéticas. E é com elas que trans-bordo papéis, telas e tecidos.

CAIXA 2 DE AMOR

em todo esse tempo de assédio
desde a barriga até a adultez
mais e mais amor produzi como remédio
contra toda insipidez

não sabia eu no entanto
que meu peito em algum canto
sorrateiramente poupava beiradas
de amor-reserva pra sórdida estrada

nunca que eu imaginaria
carregar em mim tanta resistência
e que a despeito da virulência
eu flertaria com a emoção

a melhor resposta até então

Flavia Maria





**PRIMEIRAS
PALAVRAS**

É de tarde.

Há poucos dias a intolerância matou Mestre Moa.

Fiquei pensando em quantos reis,

quantos sábios são assassinados por aí, sendo a direção da bala
crudelíssima e cotidiana

em que o preto é alvo,

e não vantagem? Quantos?

É desrespeito, humilhação, sacanagem da ignorância!

Mestre Moa é um griot,

iniciador de pensadores,

referência baiana da ancestralidade!

Sabe-se lá o que é isso?

Um saber desse tem sete vidas!

E, para além da ferida onde mora a dor de tamanha injustiça,

se espalha pela força do vento sementeiro, tudo que ele plantou com sua
vida de farol, iluminando campos onde aparentemente não havia nada,
pois ele foi em muitos temas o nosso pioneiro.

Isto pensado, chegamos a esta tarde lírica de primavera em que Gabriel,
com honrarias e delicadezas, me faz o convite de dizer umas palavras
primeiras para abrir este desfile de resistência poética e de liberdade, já
resultado da presença frutífera deste artista na vida brasileira.

Irmanado com árvores e todos os elementos, um homem como ele não
desaparece assim.

Transmuta-se para ser só inspiração ao que virá.

Está ressurgido agora em versos,

reafirmado neste livro,

renascido e eternizado no coração novo dos poetas, no coração bobo dos
poetas, no coração tesouro das poetas e dos poetas.

Tornou-se verbo.



A dor, o protesto, a bravura
é que compõem a mistura
deste Badauê.
Também a força, o amor, a candura
formam palavras contundentes,
algumas vezes palavras duras.
Mas o que podemos fazer?
Somos herdeiros da coragem e da bravura!
Ganga Zumba, Dandara e Zumbi,
fundaram uma nação que não findou ali.
Entenda, meu amor,
Mestre Moa vive, está presente, cintila a estrela diante da opressão que
sobre nosso povo
ainda não acabou.
É de tarde na Bahia e eu passo essa tarde no Calabar, diante dos jovens
que ele deixou.
Escrevo estas linhas,
me sentindo um galho
dele que brotou.
É verdade, poetas, jamais deixaremos de ser frutos
do que o Mestre semeou.

Elisa Lucinda

fim de tarde de outubro em movimento



A calúnia, a mentira, o medo, o pavor e o ódio me mandam mensagens. Me escrevem no WhatsApp, no Instagram, no Telegram, no Face, no Orkut, no Twitter... parece poesia de Chico, mas afundada no escuro, sem luz, sem brilho. O céu agora parece se desfazer embaixo dos nossos pés. Tudo está fora de um lugar que nunca existiu de verdade. Mas agora essa bagunça toda acontece sem hipocrisia. Os monstros fascistas tomaram coragem de se expor, até mesmo os que conviviam debaixo do nosso teto. Imagine! Nós gays e nós mulheres sempre tivemos medo. Medo das cantadas na rua, da agressividade masculina ao receber um não. Medo de apanhar ao beijar minha garota na rua. Medo, medo e pavor. Agora tudo está pior. Há uma espécie de aval público para esse tipo de agressão, com um gostinho especial e amargo de impunidade, embalado pelo discurso de ódio proferido pelo candidato que não dizemos o nome (por princípios). Fere a minha existência como lésbica, como mulher, mas antes de tudo como cidadã! Por isso, sou resistência. O autoritarismo e o fascismo podem até voltar (se Oxalá não nos abençoar agora, se Iansã não lutar...), mas jamais será da mesma forma que 50 anos atrás. Estamos na era global da comunicação. Tudo acontece no mesmo segundo. Queria lembrar aos fascistas que também sei responder as mensagens que me atravessam a alma e o estômago. E respondidas serão.

O mundo está de olho! Eu e você também!!! #elenão #elenunca

Malu Verçosa Mercury



Ele ofende a mim
Ofende a humanidade
Ofende o povo brasileiro
Ofende os meus princípios
Ofende os valores humanos
Ofende os valores cristãos
Ofende a esperança
Ofende a liberdade
Ofende os meus direitos
Ofende a ética
Ofende a paz
Ofende a vida
Ofende o bem
Ofende o amor
Ele não
Ele nunca
Ele jamais

Daniela Mercury



Kossi Ewê, kossi Orixá. Diz o Oriki que sem folha não tem Orixá. Orixá é a energia, a essência da natureza que rege a cabeça do homem. Kossi poesia, kossi humanidade. É a poesia quem equilibra as polaridades inerentes ao homem e pode neutralizar os aspectos negativos aflorando os positivos, dos quais o amor é o maior. A poesia é um guarda-chuva capaz de abrigar os seres humanos das mais devastadoras tempestades. A poesia é defesa, é escudo, é proteção. Mas a poesia também é uma arma potente capaz de aniquilar as nossas ignorâncias, os nossos medos, as nossas desumanidades. A poesia é arma de combate, capaz de vencer as mais devastadoras guerras, de retirar da lua o dragão da maldade. A poesia é pra comer, já disse o poeta, é ela quem alimenta a nossa alma com os nutrientes necessários para os enfrentamentos cotidianos contra os ódios, os desamores, as faltas de nós. É a poesia quem tem transformado a nossa dor, a nossa tristeza, e até a nossa raiva pelo assassinato covarde, brutal, traiçoeiro do Mestre Moa do Katendê, com doze facadas pelas costas, em atos à sua memória, reverências ao seu legado, brados de paz, de justiça e de democracia. Rima rica poesia / democracia. Os mais não sabem ser poéticos. Rima rica poesia / direitos (humanos), poesia / liberdade (de expressão), poesia / vida, poesia / cidadania. A mais rica rima da poesia é a humanidade. Mente quem diz que não. Neste momento que o Brasil tem vivido, de tanta turbulência, de tanta crueldade, de tanta mentira espalhada virando absoluta verdade, estarmos apegados à poesia significa que, mesmo estando no front, lutando contra o dragão do lá ele inominável, não perderemos a nossa sanidade. Com a poesia nossa de cada dia não nos apartaremos da nossa essência humana. Kossi poesia, kossi humanidade. Poesia Ô, Poesia-humana. Poesia-humanidade.

Chicco Assis

artista, pesquisador
e gestor cultural



Este projeto, este livro, esta lembrança, esta voz. Esta palavra que fala sobre Mestre Moa traz a mensagem de um lutador; um homem inteligente, capaz, que com suas armas de amor e paz no coração não fugiu do debate, não fugiu do combate, não fugiu da luta da vida, do seu dia a dia. Nós que somos afro-brasileiros e o povo todo que vem da base sabemos a luta que é pra conquistarmos um espaço numa sociedade como a nossa. Esta homenagem... é muito urgente. O levante dessa memória é muito urgente. Mestre Moa, assim como Marielle são pessoas que marcam este século com a passagem das suas vidas, com seu sacrifício; sacrifício da vida humana. Porque lutaram por liberdade, por democracia, por igualdade, por justiça, por amor. Neste momento, eu me solidarizo com todo meu povo, todo o povo brasileiro que tem algum grau de consciência e sabe o que significa ter a liberdade de se expressar, ter a liberdade de conquistar, de poder dar mais um passo.

Nós é que sabemos quanto sangue das nossas famílias, do nosso povo, das pessoas conhecidas, dos nossos amigos, já foi derramado por causa da violência, de armas nas mãos de pessoas incautas. Eu tô aí. Tô nessa luta também.

Parabéns a Gabriel e a todas as pessoas envolvidas no projeto. E viva Mestre Moa! Essa voz não se calará! A luta continua.

A palavra fere mais do que uma bala, muitas vezes, por causa da verdade.

Margareth Menezes



Um banho de sangue em curso. A começar pelas bordas. Frio como a pedagogia das elites. Mulheres. Índios. Pobres. Pretos. Pardos. LGBTQs. Jovens. Crianças. Indesejáveis do capital. Silenciados pelo capital. Invisibilizados pelo capital. Condenados à morte por terem nascido. Vítimas da violência por simplesmente existirem. A existência perdida. A resistência a correr dos algozes. Busca de sopros de vida. A história humana como uma sucessão de escombros acumulados. Genocídios e traumas. A expressão fascista no espelho, estátua de sal, castelo de areia, deuses mortos, mitos, fim dos tempos. A maldade orquestrada em estado de delírio. Apocalipse Now. Purgatório e inferno. Falsidade e farsa. Tragédia e solidão. Maledicência e mentira. Toda a podridão incontornável do espírito. A banalidade do mal a ceifar corpos e almas. Adoecimento do contato.

E na contramão a poesia. Gratidão para sempre aos poetas que nos rendem nessa grande dor com as palavras de vida contra a morte, de amor contra o ódio, de gratidão contra a inveja. Gratidão dita mil vezes por garantirem a poesia de cada dia que nos há de salvar. A poesia, nossa cura, nossa espera, nossa travessia no mundo.

Márcia Tiburi
escritora



Vivemos um momento em que o sentimento de urgência toma conta de nossos corpos, das nossas vidas e das nossas subjetividades. Os ataques à democracia descortinam o fascismo. Vemos mais e mais fascistas saírem do armário, enterrando, em definitivo, o mito do homem cordial brasileiro, termo cunhado por Sérgio Buarque de Holanda.

De toda sorte, somos resistência. Amar e mudar as coisas nos interessa mais. Sabemos que, se o medo divide, a coragem multiplica. E é essa coragem que tenho visto virar emergência entre nós, aquelas e aqueles que sonham. Coragem traduzida em criatividade, luta, arte, força, poesia, potência transformadora e vida.

Inspiradas em Marighellas, Marielles e Moas, sabemos que não temos tempo para ter medo, que não nos deixaremos calar e que somos feitas de festa, Badaué!

Esse projeto, iniciado pela indignação e pela necessidade de um grito coletivo, tem esse sentimento. Agradeço por fazer parte, também, dessa resposta-poesia. Da resistência, nasce o riso que faz tremer o opressor. Sabemos que, juntas, construímos trincheiras de afeto, nos preparamos para a guerra e acreditamos que, também da palavra, trazemos a resposta – dura, quente, cheia, colorida – onde o amor é sublimado e o ódio, dissipado.

Seguimos em luta, por nós, pelos nossos, pelos outros, pela vida e pelo futuro. E, parafraseando Eduardo Galeano, sabemos muito bem para que serve a utopia. Serve para isso: para que não deixemos de caminhar...

Há braços de luta!

Isadora Salomão

Frente Povo Sem Medo – Bahia



Meu sangue doce anda salgado
De lágrimas e de suor
Sangro e luto
Nenhuma dor, nenhum medo,
Vai me tirar de mim
Vai me empurrar pro armário
Do seu recalque azedo
Meu coração tem mais munição
Que o seu fuzil
Minha arma não é bruta
Sapatão, freira ou puta
Nasci mulher, nasci na luta!
Minha arma não é bruta
É finita, porque humana
É infinita porque ama
Minha arma é arte
Minha arte é cama
Ela tem cores, gozos, saberes, sabores
Minha arte tem corpo, desejo, vontade
Minha arte reza pra terra,
Mergulha em melodias
Minha arte canta, pinta, dança todo dia
Minha arte dá ao mundo as mãos
Fica junto, embala, se oferece
Minha arte se esfrega, se entrega, te entorpece
Minha alma não é bruta
Sapatão, freira ou puta
Sempre mulher, sempre na luta!

Zélia Duncan



Resistir sempre “porque já somos pessoas sem ódio”. Continuamos paz e “amor da cabeça aos pés”. Mas não pensem que vão nos intimidar com pensamentos retrógrados e atitudes hostis. Eu já vivi muitos Brasis e sobrevivi aos tempos de chumbo da ditadura. E continuo sendo um “Carnaval em cada esquina”. Essa horda de brutamontes e incivilizados não pode prosperar, porque não há argumento que possa sustentar a barbárie, que por si só se esfacela. A verdade não deixa dúvida e “contra a luz não há argumentos, dói os olhos”.

Firmes e fortes, porque o mundo nos admira pelo que fazemos na arte, pela nossa cultura rica e singular e tem se colocado totalmente a favor dos valores democráticos e da liberdade que sempre expressamos no nosso jeito alegre e espontâneo de ser. Mais uma vez “chegou a hora dessa gente bronzada mostrar o seu valor”.

Mesmo os cegos de ódio e de rancor sabem que ISSO NÃO, ISSO NUNCA. ISSO JAMAIS. NADA VAI NOS CALAR!

Viva o amor seja do jeito que for. Viva nós. Viva a Vida!!!

Paulinho Boca de Cantor



Considero a poesia a mais alta expressão do espírito humano no nível da religião. A razão é que a poesia, como significa em grego, recria o mundo e o transfigura. Daria toda minha teologia, com mais de cem livros por uns versos de Fernando Pessoa ou de Carlos Drummond de Andrade. Quando feita em homenagem ao Mestre Moa, assassinado, esta poesia se transforma num grito de indignação e num clamor por justiça. Moa ressuscita nos cultivadores da capoeira.

Leonardo Boff
teólogo



Somos a cena.

Hoje NÃO, nem venha em nossa direção, nem tente diminuir nossos planos, nossos sonhos.

Hoje NÃO, mesmo nos ameaçando, encurralando, exterminado, renascemos.

NÃO tá fácil, mas NÃO é hoje... logo hoje que iremos desistir. É preciso resistir.

Hoje NÃO, NÃO sairemos de cena, somos da cena, somos a cena.

E diante de tantos precisos “NÃOS”, que neste caso NÃO é negação, vem a glória, o SIM, o fim.

Leno Sacramento

ator do Bando de Teatro Olodum



Nomear é permitir que algo venha a ser de uma determinada forma. É dar corpo. É resistir ao apagamento, é fazer traço onde a mudez da morte, e dos não ditos, teima em silenciar. É trazer multiplicidade, dispersão, fluxo de consciência e poder de transformação. É afirmação de resistência. É dar contornos à luta de tantos Moas, Marielles, Laysas, Sandras, Flávias – e tantos outros negros, mulheres, LGBTQs, excluídos sociais – nesse nosso Brasil. É passar a rasteira na tentativa de sequestro de nossas próprias versões sobre os fatos históricos. É criar pontos e pontes para outros que estão também em nosso barco. É criar esse barco. Que pode ajudar tanta gente a se ver representada. É transpor o limite de si almejando alcançar o outro, ou os outros, diversos, múltiplos. É fazer história quando o que estão tentando é nos laçar no jugo do discurso de ódio – ou do bode expiatório. É assumir protagonismo abrindo novas veredas de autocompreensão e possibilidades de sentir. É assumir que a palavra é sempre situada, sempre relativa, nem por isso menos importante. É afirmar que sua importância está justamente em poder ser múltipla. O fascismo é a versão da palavra que se quer única. É uma palavra anoréxica que se recusa a ser alimentada na e pela alteridade. É o inseticida pulverizado que encontra no ódio o terreno fértil para a transmissão da morte. É a afirmação da pobreza da história única que projeta no outro (englobando tantos outros diversos) o que precisa ser exterminado. O que se brada é a tortura, não apenas do corpo, mas também da alma e da existência. Contra a arma da ditadura, a poesia da afirmação da vida. Ainda que sejam palavras de dor e de angústia, mas também de luta. Matar a morte pela palavra é aspergir a possibilidade de insistir e ser, ali onde justamente a esperança estava definhando: é trazer a fina ponta da caneta para que não nos esqueçamos de como é e deve ser a nossa luta.

Valeska Zanello

professora do Departamento de
Psicologia Clínica da Universidade de Brasília



Quem alimentou o monstro que ajude a domá-lo.

Quando vi Dilma descendo a rampa do planalto ao ser deposta injustamente, de pé, cabeça erguida, ao lado de seus correligionários; ao lado de um Lula de olhos marejados e de assistentes de semblantes incrédulos, não ouvi somente os gritos de “puta” que ecoavam dos estádios da Copa. Não ouvi os xingamentos de “ei, Dilma, vai tomar no cu”, e nem ouvi o barulho das panelas. Não lembrei dos adesivos da nossa presidenta de pernas abertas coladas em tanques de gasolina. Não ouvi sequer o silêncio conveniente dos artistas que se calavam diante do absurdo que mostrava os dentes; muito menos ouvi o sorriso cínico dos artistas baianos que ignoraram as súplicas dos autores que não recebiam seus direitos autorais, e que posaram indiferentes e orgulhosos para fotografias ao lado de um dos tutores do golpe: o prefeito de salvador, ACM Neto, que chama Salvador de cidade da música sem pagar direitos autorais.

Não vi rostos envergonhados desses artistas oportunistas e cúmplices. Não ouvi o ranger dos dentes dos médicos brancos que chamavam de macacos os cubanos que vieram para o Brasil pelo programa “Mais Médicos”. Nem ouvi os gritos furiosos que ecoavam no Farol da Barra dos senhores e senhoras de camisas amarelas da CBF, vomitando ódio e palavras de ordem e progresso. Eu apenas vi o rosto do monstro que se aproximava.

Sabia como um golpe começava; só não sabia como ele terminava. O monstro tem nome. Tem cara e forma. E não fui eu quem o alimentei. Que eu tenha força para manter minha solidez e dignidade para lutar contra o que vem por aí. Não posei ao lado de golpistas nem sorri ao lado de doentes de amarelo. Não posso esperar complacência de quem não tem consciência social. Nem sou covarde para me fingir de ofendido agora, depois de tudo, para querer mudar o jogo.



A merda está feita e o fascismo cresceu. Que seu sorriso cúmplice saia de sua cara de pau e vista a carapuça da coragem. Não é hora de achar culpados. É hora de parar de hipocrisia. A coletividade não é seletiva nem deve ser conveniente. Que a gente se una, finalmente. Sem dar mãos a golpistas ou artistas medíocres e decadentes. É um país que está em jogo. E não a carreira de uns e outros. Ele não. Bolsonaro não. Força, Brasil. Resistiremos. Será o desafio de nossa geração. E os hipócritas que lambam suas botas como achar mais conveniente. Pois de conveniências, estamos cheios. Precisamos de entrega moral. E não de oportunismos seletivos.

Ele não não é só “ele não”. É um monte de gente não! A começar pelos golpistas. Que posam ao lado de artistas cretinos, fracos e oportunistas. A história não vai esquecer desses tempos e personagens.

Manno Góes



O Coletivo de Cinema pela Democracia nasceu de um impulso da Obá Cacauê Produções e Segredo Filmes: produzir duas equipes de filmagem para cobrir o ato #elenão em Salvador. Nesse encontro inicial de Fabíola Aquino, Lilih Curi, Daiane Rosário, Dayane Sena, Felipe Martins, Manuela Azevedo, Moara Rocha, Renata Almeida, Johsi Varjão, Márcio Lima, Xanda Fontes, Marise Urbano, Ducca Rios, Alexandra Martins e Isadora Sampaio, com mais sete colaboradores do coletivo, realizamos um primeiro vídeo-memória do ato que teve cerca de cinco mil visualizações nos faces e insta das produtoras. O objetivo era fazer ecoar no nosso micromacromundo o nosso coro #elenão. Ali nascia um cine-ativismo despretensioso.

Fim do primeiro turno. “E agora”, perguntávamos? Como sempre, um vazio nos ocupa quando as regras e as rédeas do jogo e do tempo não são domináveis. Continuar no fluxo da resistência, sair das redes, ir pras ruas, se organizar, engolir quem está nos engolindo. Clamar por justiça. Escutar lideranças. Sentir junto da gente quem é que de fato está escolhendo ficar do lado justo da história. Apoiar-se e gritar junto “Marighella, presente!”, “Marielle, presente!”.

Foi numa segunda-feira de tarde quente que nos dividimos novamente em duas equipes, uma em direção à UFBA num encontro de mulheres negras – resultando em três vídeos-depoimentos de Denise Carrascosa, Valdecir Nascimento, Manuela Cristina – e outra em direção ao cemitério, para o velório de MESTRE MOA.

Enquanto Mestre Moa do Katendê era enterrado, uma roda de cerca de 400 estudantes da UFBA firmada em assembleia, em frente ao restaurante universitário, se organizava, se apoiava e gritava: “Mestre Moa, presente!”.



Desse infortúnio, instigados que fomos pelas ideias de Chicco Assis, brotou o fortuito encontro com o Coletivo Poecrática, e nasceu o clipe da canção MESTRE MOA, à qual Caetano dá voz. Uma produção que já ecoa em cerca de 180 mil visualizações nas mídias sociais que conseguimos mapear até o momento e que revela a certeza de que temos uma única voz e que #elesnãonoscalarão tão facilmente.

O tempo passa, ainda há tempo de virar votos! Ainda há tempo de sustentarmos a democracia e a paz. Outros videoativismos nascem com a promessa de florescer.

A flor, ela vai de encontro ao céu
Embora sua haste se abale com o vento e
O sol resseque suas pétalas
Ela se mantém hirta
E vai de encontro ao céu

Em Marielles vivem flores, em Priscilas, em Laysas, em Moas, em...

Coletivo de Cinema pela Democracia



Quando olhamos o passado, vemos que a maioria absoluta da imprensa, e até mesmo dos historiadores foram coniventes, estiveram a serviço ou foram sumariamente censurados em regimes de exceção e opressão.

A arte e a poesia, não. Sempre marginais, sempre livres, sempre perseguidas, nunca se deixaram calar. E é por isso que muitas vezes quando queremos olhar nosso passado, o fazemos pela lente da arte e da poesia. E é por isso que a arte e a poesia são tão importantes para se entender o passado e a humanidade. Ou o que restou dele, e que ainda pode, através da arte e da poesia, voltar a ser livre e belo.

Gil Vicente Tavares



Entre a ancestralidade negra, histórica, poética e a democracia.

A História é uma senhora idosa que acumulou sabedoria e contos ao longo da existência; e os mais velhos, estando próximos a ela por mais tempo, têm a oportunidade de aprender mais do que aqueles que não tiveram tempo de vida para tais vivências.

Assim pensa o povo de candomblé; por isso saudamos às árvores mais velhas, antigas. Nos nossos mitos de criação aprendemos que foi através delas, em especial Iroko para o povo de Ketu e Tempo para a nação Angola, que os Orixás e/ou Inquisses desceram para a Terra. Também são nelas que os espíritos ancestrais habitam. Por isso amarramos Ojás nas árvores sagradas.

Acreditamos que aquelas raízes profundas adentraram no íntimo da terra e tiveram a oportunidade de conhecer vários percursos e alterar os caminhos sempre que necessário, ver as melhores rotas, conhecer o que existe nas entranhas do mundo e germinar com grandeza. Troncos poderosos, galhos que se envolvem e emaranham como a abraçar o mundo, folhas que podem tanto servir de remédios e unguentos e frutos para garantir sobrevivência, mais ainda e também essencial, novas sementes para germinar o mundo.

Assim foi Moa. Árvore frondosa, um legítimo filho de Xangô que com cada conhecimento sabiamente adquirido foi moldando a cultura afro-brasileira e a espalhando para o mundo. Seja como Ogan no terreiro de candomblé, seja como percussionista, seja como Mestre de Capoeira, seja como compositor, cantor e fundador do bloco Badauê, seja como inspiração para a música de artistas outros.

Moa foi essa árvore viçosa e frondosa que deixou muitas sementes plantadas mundo afora por meio de sua música e musicalidade, grupos



de afoxé, percussão e de capoeira. Grupos que ele que fundou no Brasil e no mundo, mas também e, principalmente, em nossos corações.

“Em África quando um ancião morre, toda uma biblioteca arde”. É com estas palavras que o historiador e poeta do Mali, Amadou Hampaté-Bâ, resume o valor atribuído ao velho na sociedade africana, cuja principal função é transmitir conhecimentos às demais gerações pela via da oralidade.

A brutalidade do assassinato de Moa, com das 12 facadas desferidas covardemente por seu algoz, pelas costas, demonstra o elevado grau de violência do discurso de ódio disseminado pelo candidato Bolsonaro contra negros, mulheres, índios e LGBTs. Evidencia os grandes estragos que esse discurso tem feito em nossa sociedade, trazendo à tona o fantasma do fascismo que voltou a grassar pelo nosso país. Mas aprendemos no candomblé que o sangue, não importa qual origem (animal, vegetal e mineral), faz brotar e germinar novas árvores, saberes e possibilidades.

Ali, no meio do Dique do Tororó, próximo às águas de Oxum, às árvores centenárias e à brisa de Yansã, a história de Moa se alastra para o mundo e os poemas, que neste livro clamam por democracia, também inspiram atos de irmandade. As palavras aqui contidas são munição muito mais importantes para se criar um novo mundo, um novo Brasil verdadeiramente inclusivo e diverso, onde possamos reconquistar corações e mentes, e o verdadeiro amor esteja acima de tudo e de todos.

Marcos Rezende

coordenador geral do
Coletivo de Entidades Negras



É preciso reunir forças, potencialidades, afetividades, pluralidades, manifestações artísticas e populares para combater as narrativas de ódio e violência que crescem no país. O fascismo, que aniquila a vida, despreza a diversidade, faz uso banal do Sagrado, fere de morte a Democracia e violenta a humanidade, não passará sem múltiplas reações de quem acredita na potência do amor, da dignidade humana e da vida. A poesia salva o coração, amplia o olhar, transforma o medo em arte e cultiva esperança. A poesia constrange ditadores, confunde os arrogantes, insiste na liberdade. Poesia não se prende, não se cala e não se mata. Poesia renasce, ressurgue e ressuscita. Poesia é sinal de vitória, de que venceremos.

Pastor Henrique Vieira



Defendendo marginal
Além do dinheiro, sou bem mais real
Playboy perigoso é distúrbio mental
Estamos em crise. Sem juízo pros juízes
Querem mais um opressor
Racista, machista, cristão ditador
Não quer seu respeito, prefere o temor
E muitos querem que nos pise. Reabrir nossas cicatrizes

Meu ancestral falou e eu vim provar que tá correto
Cê me deve, se eu morrer quem cobra é meu tataraneto
Não ganha nada num confronto direto
4 sílabas traduzem o que é um fascista completo
Mussonaro, Bolsolini ou qualquer mistura dessas
Quer que o povo se mate e muita gente ainda tem pressa
A raiz desse problema não tema que eu mesmo arranco
Quando passar a limpo nada vai ficar em branco

Rone Dum Dum
grupo Opanijé





POÉTICAS COMBATIVAS AO INOMINÁVEL

Mestre Moa foi ferido
Pela faca do fascismo
Pelas costas, covardia
De um surto de sadismo

Mestre Moa, Badaué
Derradeira capoeira
De um artista, de um erê
Triste faca traiçoeira

Mestre Moa tomba morto
Tombam nossos corações
Nossa história sangra junto
Somos mil, somos milhões

Mestre Moa, imolado
Pelas mãos do opressor
Dos discursos entoados
De tortura, de terror

Mestre Moa, redenção
Nós seremos sua voz
Suas pernas, suas mãos
Venceremos seu algoz

A quadrilha toca
sem dar nome aos bois
o “for all” da fake news
no samba do caixa dois.

Ana Havan – vem de cotovelo.
Vamos lá, cavalheiros dão as mãos
três passos ao Nordeste
bota chapéu de Lampião.

Ana ri, êh – vou botar dinheiro.
Cuidado! O homem com a Folha na mão,
a dança tá toda errada.
Corre! É o fiscal de salão.

Vai começar o túnel, atenção!
– Olha a notíiiiiiiícia.
É mentira, pura enganação
multiplica a fake news
no passo da agitação

– Olha a proooooooooova.
É mentira, essa tá na cara
Mas se vale 12 milhões
Corrida de zap, dispara

Junta mais, forma a grande roda
Os da direita mão no bolso
bota a grana, toca a bola
Depois sai de mão pra cima
No passo da espanhola

nem queria dizer, mas vou, meu cu
não é problema seu, mas qual o quê?
meu pau não é da sua conta, mas
você quer se meter, quem é você

que vem se intrometer? minha xoxota,
meus pentelhos, meu útero, a quem
eu devo confiar as minhas contas,
minha mastectomia, minhas crenças,

minhas descrenças, minhas preferências
estéticas, meu histórico do google,
meu nome social, minha posição
seja de ideias, seja sexual,

a orientação, a identificação
de gênero, minha não binariedade,
minha filiação a tal partido,
meu anarquismo, meu salvo-conduto,

minha lista de compras, minhas contas,
o que aprendi na escola, o que ensinei,
a cor da minha pele, meus cabelos,
o nome de batismo, a apostasia,

minhas metamorfoses, minhas dúvidas,
meus medos, meu lugar de fala ou falha,
meu calcanhar de aquiles, minhas pregas,
meus filhos no museu, meus outros eus.

não queria dizer, mas quem são eles,
não fôssemos às vezes nós fazendo
as vezes deles sem nos entendermos?
as nossas diferenças são iguais,

maiores ou menores do que as deles?
nossas pedras jogadas contra nós
e mais as pedras deles enquanto eles
nos catapultam, nossos estilingues

bem sabem sermos peças de um xadrez.
não esquecer que, se eles trazem trevas,
podemos nos mover na escuridão:
justo no breu é que melhor dançamos.

vamo meter nosso berro na cara da ignorância
e acabar de vez com essa intolerância
vamo berrar nossa história na cara de quem nos ignora
nos silencia e não enxerga nossa agonia
vamo abrir os livros da escola
acessar com carinho nossas memórias – individuais e coletivas

vamo lembrar essa gente intransigente
que a democracia não surgiu de repente
é herança de luta sangue e tortura
conquista de um povo artista
e não vamo entregar nas mãos dos fascistas
nem cair no conto dos golpistas

o diálogo é o melhor remédio
cura manipulação ódio e até tédio
a didática é a melhor arma
mas se alguém nos cala
berramos poesia – ciência feminina
como a apocalipticadeusapretanuncia

eles vêm com a política do berro
nós vamo é com a poética do berro
que desarma falsa notícia e cala a conversa
de quem minimiza a dor de toda gente oprimida

canalhas odeiam poesia
vamo apertar a mente deles
ocupando nosso lugar na isegoria
vamo berrar vamo falar vamo cantar vamo incomodar

e eu quero ver o berro dos cana
falar mais alto quando o dia raiar

Para fora, todos me julgam, me criticam,
muitos sem nem me conhecer.
Já passou por isso? Então vamos ver.
Eu acho que não. Mais à frente você vai entender.

Filha do vento e da verdade. Yansã. Oyá. O vento que me guia.
E Oxum, com seu encanto, feitiçaria, magia.
Juntas, elas conduzem essa dança, com mestria.
Minha vida traçada com sabedoria.

Quero mudar o mundo,
falar sobre a essência da vida
e a sua evolução,
que as pessoas pensem nas matas,
ao invés de construção e mais construção.
Que eliminem seu preconceito,
essa crítica social,
que não é sua opinião.

Pare e pense no seu filho,
no presente,
e de humana,
traga sua consciencialização.

Enquanto para a sociedade,
eu sou extremista, brigona,
Rebelde, com minha mania de revolução.

Sou uma mulher negra trans,
Não sou uma mania de revolução,
aqui de dentro apenas externizo
a mais pura verdade da minha alma,
do fundo do meu coração.
A minha existência, ela é feminina,
E isso vai muito além da sua opinião.

Sou mulher trans.
Por dentro sou mulher.
Por fora, trans. Uma classificação social.
Então não ache que sou algo diferente ou inusitado.

Na dúvida, trate-me como mulher, igual.
Isso é território conquistado.
E é isso o que realmente sou afinal.

Não ficarei calada,
Enquanto cada um de vocês tentam me matar.
Diz que respeita, mas me maltrata
Acredita que a sua energia agressiva,
para comigo não vai mudar.

Chega agressivo, arrogante comigo.
E eu sinto que preciso pensar em como te explicar,
que sou uma mulher,
que me tratando com agressividade
você me agride, me fere, me vai violentar,

Diz que estou exagerando,
que os hormônios estão me fazendo extremista,
que você precisa de um tempo pra se acostumar.

E nisso, você vai me matando,
forçando para que eu não exista,
com tanta dor, tanto sofrimento,
minha própria vida penso em tirar.

E por causa dessa “falta de costume”
em não me tratar como a mulher que sou,
posso não ter mais história para contar.

No noticiário do jornal sairia assim:
Jovem negro se suicida
por se identificar como trans
e não ter respeito acolhido.

Sim, senhoras e senhores,
porque nem depois de morta
uma mulher trans
tem o seu respeito garantido.

A sociedade que julga
esse “merecimento”.
Aí vem família, vêm amigos,
todos desejando os seus sinceros sentimentos.

Mas poderia ter evitado,
e tirado da vida daquela jovem
tanta dor, tanto sofrimento.

Lógico que o final desta história,
não terminará dessa forma.

Volta a minha vida,
volta a minha existência,
Irei sucumbir a transfobia
e clamar penitência.

Pois transfobia é crime
e eu sou uma guerreira de verdade.
Não permitirei que ignore e maltratem
a minha verdadeira essência.
A minha existência é feminina
e isso não é apenas uma vaidade.
É existencial. Aqui fala uma mulher.
Não quero nada fora do normal.
Quero ser respeitada e tratada como tal.
Quero minha liberdade de ir, vir e existir.
Apenas o direito que se tem
qualquer uma outra cidadã social.

A classe média é brega
Ouve rap de playboy
E inventa gíria que não pega

A classe média é brega
Vota em fascista
Depois todo mundo nega

As varanda tão lotada
De champagne e panelada
Mas em breve essa galera
Vai ficar envergonhada

Rico faz xixi no camarote
Nem tenta se esconder
Porque tá pago no pacote

Rico faz xixi no camarote
Quem limpa é um funcionário
Humilhado e de virote

O banheiro tá lotado
Com um bocado de cheirado
Baixa as calça, liga o foda-se
E o chão ficou molhado

A classe média é brega
Acha que é elite
E que eleição é pega-pega

A classe média é brega
Mal pode ter conforto
E logo logo se apega

Elegendo deputado
Já mil vezes condenado
Aplaudindo a caça às bruxas
E o ódio escancarado

Apesar do ódio
E de sua ode
Apesar de rádio
E tevê, explode,
À margem, o amor

Apesar das armas
E armadilhas
Apesar do carma
A alma brilha
E é filha do amor

Apesar do preço
Do preconceito
Apesar dos fatos
O afeto é feito
Do ato de amor

Apesar do bicho
E de seus cupinchas
Apesar do lixo
Somos garrinchas
Driblando o desamor

Apesar do “mito”
E do que ele vomita
Ainda resta um grito
Que diz: não se omita
E emita o amor

A minha casa, seu moço
É de gente simples
Piso, eu vi no meu pé
nas foto de quando era menino
feito o bambino de Nazaré

Ando no chão desde guri
Já lapiei o dedo nos vidro
vi inté bicho de pé

Chão azulejado só no banheiro primeiro
Disse mainha
que é pras visita quando se achegá
Se ajeita bonito no espelho brilhoso do banheiro jeitoso que acabei de lavá

Pedreiro aqui
É profissão que todo mundo aprende sem notá
É o vizin que a gente chama
É a galera do baba pra bater a laje

A laje aqui é sim de isopor seu moço
É que foi
um sufoco
pra pagar
o cimento
É tanta coisa que não me aguento
já começo a cansar
dá um nó
só de pensar

Ói, se importe não, mas me diga o que o senhor deseja com essa tar de pesquisa
O que é que o senhor quer dando seu Ibope pra população?
Aqui tá cheio de gente sofrida
Tem mulher de barriga
Que não sabe nem lê
É procê vê donde vem a fome
No fundo é nós quem se consome
Se come

E quase não dorme
de tanto trabaia

Aí vem vocês

Pesquisa, promete

E até mostra na tv que vai mudar tudo numa só vez

Penso, cabra, seu moço

Que nem sei seu nome

Mas a dor que dói no meu abdome, creio que também dói em você

Só não dói lá no seu patrão

Do alto do prédio

dono de mansão

Que com certeza tem mais

Que um café preto

Pra butá no estômago

Na hora

da refeição

Aos homens que embebidos das calças
traçam, caçam
sucumbem a existências das meninas

Decreto o meu repúdio
as estruturas que lhe servem de carapuça,
a culpa que colocam em minhas saias justas

Aos homens a sangria de quem cansou
de leis estéreis que com passividade
vendem e possibilitam a barbárie

Aos homens repulsa, a sua postura
nauseante de me parar nas ruas
suas travessias camufladas e amparadas
nas cortinas da cotidiana violação.

Aos homens a falência da crença de que
o perdão a sua doença seja a solução,
corrompidos estão em sua carne apodrecida.

Aos homens, estes homens não existe salvação!
Incentivam tortura,
as cordas que nos sustentam estão cada vez mais suspensas
24 horas por dias servidos no açougue da travessia, avessos ao
pretexto usado para justificar as máquinas viscerais da fome.
Poder aos homens irmãos?
Ditadura não!

“Tanto é o sangue que os rios desistem de seu ritmo”
carnificina e sede de conquista, poder aos homens irmãos, poder
a este homem?
Ainda resistirá em guerrilha?
O corpo combatente se estica mais cedo, petrificado em estações de
desprezo, controle e alienação.
As cordas que nos sustentam, incoerentes linhas da submissão.

As peles todas pretas
Estendidas
O couro seca ao sol
De pau que estica
A dor além da cor
Que acorda e sofre
(A pele em pelo ferve pro tambor
E tome golpe)

De tanto em tanto
E cada vez mais forte
A cicatriz afina o instrumento
A vil porrada mesmo é só uma parte
À parte o medo, o cerco, o grave
Parecer certo o lamento, inevitável,
débil canção em ritmo ordinário
aos olhos de quem olhe.

Não tem blues, nem tango ou samba,
Nem batucada de bamba que cale
o sorriso sem graça, a farsa
logo após o açoite.
Um cospe a cara, o outro leva – não lava-já
Tou vendo aqui
O tapa, o baque que que que marca
O dia a dia estado de exceção.

De porta em porta, a cerca torta
O homem em sua grade fuge
Agora é tarde
Enquanto a panela ferve
O sapo dorme
O lombo inesperado arde
Mas a história não termina. Canta.

Choro no cavaco
Ronco de cuíca
Dobra o violão
De mão em mão repassa o aço
De braços dados a gente revida.

pela liberdade de expressão
uns gritam “mito”
outros gritam “ele Não”.
mais entre muitos desses gritos
sussuros não são escutados
de mães que perdem seus filhos
e seus choros são silenciados.
há quem reclame das cotas
que é privilégio de preto “preguiçoso”
que não quis estudar quando tinha tempo
mas é fácil falar disso com dinheiro no bolso
e os pais para garantirem o sustento.
é tudo mi mi mi dessa gente “sem alma”
nunca nos deram a tal “liberdade”
e dizem que seremos livres portando armas.
de onde que ces tiram essas ideias?
aprenderam assistindo a Xuxa
ou o desenho do zé comeia?
mas é foda todo esse caos
esses preto tudo gourmet
se achando da elite
por ganhar uns 3 mil “real”
aí entendemos a importância da história
de conhecer todas as nossas lutas
pra não cometer esse tipo de erro
apoiando a ditadura.
e sem medo, continuaremos resistindo
renascendo, se expandindo
pela liberdade que está em jogo
pois como já disse José Carlos Limeira
“Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo”.

se você for votar no professor
a chance da gente se beijar aumentou

se você for classista bifóbico machista ou menor de idade
não vai me beijar nem votando no haddad

Botaram um monumento na praça
Disseram que era pra homenagear
Ninguém sabe quem, ninguém sabe o quê
Mas se fizer alarde os porco vão descer
Ninguém sabe o quê, ninguém sabe quem
Mas não o desacate, só lhe trate bem

e vai de mansinho
no passinho
no jeitinho brasileiro de levar
e vai de amiguinho
com jeitinho
sim senhor, pra carrocinha não levar

Botaram um parlamento reaçã
Disseram que era pra organizar
Ninguém sabe quem, ninguém sabe o quê
No planalto ou na bancada do BBB
Ninguém sabe o quê, ninguém sabe quem
E se quem souber morre, não fala ninguém

e vai de mansinho
no passinho
no jeitinho brasileiro de levar
e vai de amiguinho
rapidinho
no jatinho dando um raio até chegar

Fizeram um movimento de massa
Disseram que era pra se indignar
Ninguém sabe bem exato o porquê
E nesse meio tempo deram um rolê
Quem paga pra ver não sabe o que vem
Em cadeira derrubada não senta ninguém

ei
você que anulou o voto
presta atenção neste poema
– eu imploro

é você o gato que vai dar o pulo
que vai banir desse pleito
quem tá fazendo o maior jogo sujo

não precisa vestir vermelho e tirar selfie no espelho
o buraco é muito mais embaixo
é um democrata contra um autoritário
um educador contra um opressor
com um tem oposição com o outro tem ódio e violação

desde a primeira vez que teve segundo turno
na história da nossa democracia
nunca o segundo colocado ultrapassou quem vencia
mas tem um jeito seguro de mudar essa sina

pensa comigo
a bola tá rolando ladeira abaixo
dar um voto estratégico
é não assistir impávido
ao enterro da nossa democracia

dia 1º de janeiro só são duas as possibilidades
ou cê volta a ser oposição ferrenha do haddad
ou voltamos todos juntos pra ditadura militarista

voto, meu bem, não é afeto
é estratégia política
tabuleiro de xadrez
209 milhões de vidas

não te culpo nem te julgo
ninguém aqui queria esse cenário absurdo
nenhum de nós quer isso, tamo é junto

no futuro você poderá deitar e dormir esplêndido
sabendo que ultrapassou todos os seus limites

e fez o que podia pra
frear essa chacina de direitos e da democracia
virar esse jogo
diminuir essa agonia
e continuar podendo exercer sua oposição legítima
entre um livro e um fuzil
tamo do mesmo lado
o de quem respeita a existência
de cada ser que habita esse brasil

Se essa rua se essa rua fosse minha
Eu pedia eu pedia pra andar
Me expressando livremente todo dia
Sem nenhum macho me incomodar

Nessa rua nessa rua tem Mulheres
Que se juntam todas para declamar
Falam de tudo o que passam sozinhas
E precisam mais que nunca se apoiar

Nesses tempos nesses tempos de fascismo
Foi o ódio que tomou todo o lugar
Marielle está morrendo todo dia
Não podemos deixar de lutar

Chega de escravidão,
Racismo não,
Jamais nos calarão.

Senhores de engenho no casarão,
E os pretos dentro da prisão?

Governantes do país que não nos representam,
E nem nos representarão.

Não nos vemos nas escolas, nos livros,
Não temos acesso a nossa cultura e educação.

Não tem pretos na publicidade,
Tampouco na televisão.
A menos que seja reproduzindo o racismo,
Com a sua clássica e velha escravidão.

Limousine para os brancos,
E para nós, negras,
Esfregão para limpar o chão?
Preto na favela e branco na mansão?

Quando se vê um preto rico na TV
É porque é um político ladrão, reprisando a corrupção.
Protagonistas para os brancos,
E para os pretos, figuração?

90% é só de branco na televisão,
E eles são só 27% da população.
Que segrega, estupra e mata, nós negras e índias.
Se sentindo os senhores da nação.

Vocês nos devem uma explicação
para o assunto em questão:
Cadê a minha indenização
pelos 600 anos de escravidão?

Respeitem a nossa história,
Existência e trajetória.
Essa é a solução.
Aí, sim, justificaria o papo da miscigenação.

Deixe-me viver,
Deixe-me ser feliz.
Sou negra, sou trans.
Sou a liberdade com a vida por um triz.
Média de vida: 35 anos.
E é a própria estatística quem diz.

eu não sou de renunciar ao debate público
em privilégio do privado
na intimidade e na solitude dos di-álogos
a opressão come solta

tô indo trocar de roupa
não vou me delongar porque o sol tá esperando
pra queimar minha raba
mas antes explico didaticopoeticamente
o que pode ser difícil de enxergar
se você bem me entende, camarada

a questão transcendeu o assunto da disputa presidencial
a partir do momento em que um candidato
agrada de ku klux klan a neonazista no cenário mundial

o certo e o errado aí estão bem evidentes:
de um lado quem tá dialogando democraticamente
do outro o ex-capitão atrás da mesa com o cu na mão

se você pensa que certo ou errado na política não existe
eu rebato firme:

entre democracia e neofascismo
o segundo não é só errado
é abominável
– inominável

Pelos séculos e séculos
A glória mais esperada
Uma promessa de futuro
Na pátria mais que humilhada
Sua riqueza, sua gente
Sonho, de paz e de pão
Liberdade e igualdade
Onde todos são irmãos.

Pelos séculos e séculos
Semente desperdiçada –
Vil metal tomando conta
Mil sem teto, sobra casa,
Terra fértil, mar, floresta –
Deu lugar à ilusão
Hoje soja, ou pasto, ou festa
Paraíso sem razão.

Pelos séculos e séculos
Repetindo a mesma laia
Esperança naufragada
Noite que assombra o dia

Só que ele não sabia
que o ódio, grande mal
No armário escondido
É o ovo da serpente
Medo que turva a visão
Alimentando o perigo.

Pelos séculos e séculos
Flores sempre vencerão
O mais rigoroso inverno
Na força desta canção
No abraço de um amigo.

Pátria mãe tão distraída
Crisálida no jardim
Acordará para a vida
Sem saber o retorno eterno
Sina que chega a seu fim
Na trincheira da União
A poesia diz sim.

o cara tá cogitando agdo de alta pra ministro da educação
e o xei de trota pra ministro da cultura
desrespeitoso com os loucos é chamar isso de loucura

pra quem diz que luta pela moral pelos bons costumes pela família
contra o abuso sexual infantil
não tá estranho cogitar um acusado de pedofilia
e um ator pornô pra esses ministérios ou qualquer parceria?

vamos brincar de imaginar as possíveis ações desses ministros
a partir de sua atuação sociopolítica

será que um vai lançar ações educativas pra:

- acabar com qualquer informação sobre educação sexual e abusos na escola pro bonde da pedofilia poder agir sem medo de ser pego?
- fechar com o bonde dos sanguessugas a melhor forma de comprar carros com dinheiro público desviando a grana da merenda?
- instituir a quebra de decoro nas escolas pois os professores estão indo longe demais com sua doutrinação esquerdeológica?
- ensinar os potenciais das fake news no enfrentamento dos seus opositores?

já o outro, meus senhores, será que seguirá suas tendências pra:

- fazer exposições lúdicas e interativas sobre a anatomia do cu e as mil formas de dar o rabo sem rasgar as pregas nem sentir dor?
- instituir o programa Oral Sem Fronteiras, pra todo mundo aprender a relaxar a glote e enfiar o pau inteiro na boca sem ter ânsia de vôMITO ou voMITAR?
- criar o museu do sexo, onde todos podem entrar e experienciar em diferentes salas tematizadas as modalidades de sexo ao longo da história; do sexo marital às aventuras com as meretrizes?
- oferecer editais para difusão das diversas modalidades de estupro, prática tão antiga e arraigada em nossa cultura, mas tão perseguida por ativistas esquerdopatas, feminazis e pretas peludas?

eu suspiro e me pergunto

já que pode toda essa bagunça na política
por que não posso eu transgredir a poética
e em tópicos na poesia me expressar?

eu invento tópicos poéticos
e prevejo em futuras aulas de histórias
perguntas sobre o brasileiro médio-patético:
mas como esse cara foi eleito? ninguém sabia?
eu antecipo:
foi eleito pelo ministério da hipocrisia

Certa feita um poeta me ensinou
Que qualquer um que passe pela vida
Vai ter chorado, se um dia já amou
E leva a lágrima na hora da partida

E o sentido por trás de tanta dor
A maneira de se fazer humano
É saber que lá dentro é só amor
E amar pacifica todo dano

E enquanto você não entender
Que o ódio que traz no coração
É apenas vontade de chorar

Só aumenta o pesar e o sofrer
E só mancha de sangue a sua mão
Sem viver o deleite de amar

A faca de tucum
Matou Besouro Mangangá
A face do fascismo, pelas costas
Matou Mestre Moa do Badauê

Negros corpos de mandinga
Velam os pretos do Orún
Unem pretas e pretos em sua roda
Aruanda é luz, é força e não se dobra

Canta e gira, a Gira acorda
Oris, Erês e Pai Ogún
Berimbau Regional e Angola
Luta e dança no cateretê

Do Quilombo em Mugumba
Às fronteiras da Kalunga
Pindorama é corpo e sol
Resistência frente o mal

O Ebó está armado
O Terreiro está aceso
Povo Preto dá esquiva
Solta a perna o golpe preso
Eis um drama recorrente
As serpentes sinuosas
Mestre Moa sua gente
De MESTRE lhe torna HISTÓRIA!!



**PALAVRAS
FINAIS**

Você não precisa de artistas?
Então me devolve os momentos bons
Os versos roubados de nós
As cores do seu caminho
Arranca o rádio do seu carro
Destrói a caixa de som
Joga fora os instrumentos
E todos aqueles quadros
Deixe as paredes em branco
Assim como é sua cabeça
Chãos de cimento
Silêncios de ódio
Regras pra dormir
Nenhuma canção de ninar
E suas crianças em guarda
Esperando a hora incerta
Pra mandar ou receber rajadas
Você não precisa de artistas
Sua alma te perdeu de vista
E um morto já não precisa de nada...

Zélia Duncan



QUEM SOMOS

Somos artistas; jovens, velhas, fabulosas e feministas. Somos arteiros; musicistas, donos de casa, empresárias e cozinheiros. Somos a sombra da voz da matriarca da Roma negra, somos a luz de Tieta, somos Marias e Clarices e nossos versos são escopeta. Somos atores do hoje, autores do amanhã. Somos atrizes, atrozés vítimas, guerreiras da paz, algozes do medo. Atravessamos atlânticos, entoamos cânticos, inconformados, violentamente pacíficos.

Gozemos!

Oremos!

Compomos, logo lutamos. Resistimos, por isso existimos. Não temos tempo de temer a morte. Somos a lucidez na demência, somos contra esse discurso de violência. Somos a liberdade que rompe a ignorância, somos contra o discurso de intolerância. Somos corpos dóceis em revolução, amor eclodindo em ira; somos erupção. Somos pássaros, manchetes, estrelas, poeira; somos o mundo, a Terra inteira dizendo:

– Ele não!

Somos poetas, as almas da festa e é por democracia que viemos por meio desta:

Savio Andrade
Pareta Calderasch
Alex Simões
Bruno Machado
Heder Novaes

Léo Nogueira
Maria Kammily Campos
Sandra Simões
Sandro Sussuarana
Ísis Valentini

Emmanuel 7Linhas
Nunyara Teles
Lana Scott
Flavia Maria
Gabriel Póvoas



AGRADECIMENTOS

Carol Fonsêca
Chicco Assis
Coletivo de Cinema pela Democracia
Cristiana Mercuri
Daniela Mercury
Elisa Lucinda
Fernanda Tourinho
Gaby Mafey
Gil Vicente Tavares
Isadora Salomão
Leno Sacramento
Leonardo Boff
Luca Carvalho
Luísa Fróes
Mara Rocha

Malu Verçosa Mercury
Manno Góes
Márcia Tiburi
Marcos Rezende
Margareth Menezes
Pastor Henrique Vieira
Paulinho Boca de Cantor
Roberto Mendes
Rone Dum Dum
Silvia Neves
Tania Neves
Valeska Zanello
Walter Takemoto
Zélia Duncan

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral e Criação:

Coletivo Poecrática

Revisão Final:

Flavia Neves

nevesflavia@live.com

Coordenação Editorial:

Gabriel Póvoas e Flavia Maria

Capa e Editoração:

Carla Piaggio e Serena Corberotti

www.carlapiaggio.com.br

Soterópolis

Outubro de 2018



CONTATOS

COLETIVO POECRÁTICA

Instagram: [@poecratica](#)

Facebook: [fb.com/poecratica](#)

Email: poecratica@gmail.com

INTEGRANTES

Alex Simões

Poeta e performer.

Blog: [toobitornottoobit.blogspot.com](#)

Email: poetalexsimoes@gmail.com

Bruno Machado

Poeta, jornalista, gestor de comunicação, cultura e projetos criativos.

Instagram: [@bruno_m33](#) | [@poesia_samurai](#)

Email: bruno.machado@gmail.com

Emmanuel 7Linhas

Cantor, compositor, poeta, performance. 38 anos. Nascido na baía.... de Vitória.

Facebook: [fb.com/emmanuel7linhas](#)

Blog: [artistatleta7linhas.blogspot.com](#)

Email: emmanuelsetelinhas@gmail.com

Flavia Maria

Bordadeira, escritora, revisora de textos e educadora. Nasci no Espírito Insano, me plantei e flori na Bahia.

Instagram: [@flaviamariapedepoesia](#) | [@bordatreta](#) | [@incomodadeira](#)

Facebook: [fb.com/flaviands](#) [fb.com/incomodadeira](#)

Blog: <https://bemsambado.blogspot.com>

Gabriel Póvoas

Compositor, produtor musical, ativista e agitador cultural.

Instagram: [@gabriel_povoas](#) | [@somedasilabas](#)

Email: contato@gabrielpovoas.com.br

Facebook: [fb.com/gabrielalmeidapovoas](#)



Heder Novaes

Ator, Arteiro, performer, fotógrafo e escrevedor.

Instagram: [@hedernovaes](#)

Facebook: [fb.com/hedernovaes](#)

Email: [hedernovaes@gmail.com](#)

Ísis Valentini

Poeta, atriz e cantora.

Instagram: [@ssvalentini](#)

Email: [isisvmanuel@gmail.com](#)

Lana Scott

Instagram: [@sambadeapartamento](#)

Facebook: [fb.com/lanadscott](#)

Blog: [laniscott.wordpress.com](#)

Email: [Lanascott.zip@gmail.com](#)

Léo Nogueira

Escritor e compositor cearense radicado no Japão.

Facebook: [fb.com/leo.nogueira1](#)

Blog: [oxdopoema.blogspot.com](#)

Email: [leonogueira1@gmail.com](#)

Maria Kamilly Campos

Artista de rua, poeta, atriz, técnica em teatro, pintora e produtora cultural.

Instagram: [@_rimaria](#)

Facebook: [fb.com/rimariak](#)

Email: [poesiaseth@gmail.com](#)

Nunyara Teles

Poeta mulherista, atriz, bailarina, cantora e performer ativista pan africanista.

Instagram: [@nunyara](#)

Facebook: [fb.com/nunyaratelles](#)

Email: [nunyaraa@gmail.com](#)

Pareta Calderasch

Poeta, performer e artista visual.

Instagram: [@paretaph](#) | [@rasparetacalderasch](#)

Facebook: [fb.com/RasParetaCalderasch](#)

Email: [paretamx@gmail.com](#)



Sandra Simões

Cantora, compositora, poeta, atriz, arte-educadora e produtora.

Instagram: [@sandrasimoes_oficial](#)

Email: sandrinhasimoes@outlook.com

Sandro Sussuarana

Poeta, slamaer, produtor cultural, articulador de juventude, escritor e professor de capoeira.

Instagram: [@sandrosussuarana](#)

Facebook: fb.com/sandrosussuarana

Blog: sandrosussuarana.wordpress.com

Email: sandrosussuarana@gmail.com

Savio Andrade

Poeta, cantor e compositor.

Instagram: [@savioandrade](#)

Email: savioandrade@gmail.com

